



Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela na qual cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outro arquivo em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais"). A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de Similaridade dos arquivos sendo comparados. Quanto maior a quantidade de termos comuns, maior a similaridade entre os arquivos. É importante destacar que o limite de 3% representa uma estatística de semelhança e não um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade maior do que 3% e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas. Para cada par de arquivos, apresenta-se uma comparação dos termos semelhantes, os quais aparecem em vermelho.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)



Relatório gerado por: annakarolyne.vilar@yahoo.com.br

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE.docx X 8075-Texto do artigo-23209-1-10-20160204.pdf	99	1,27
8075-Texto do artigo-23209-1-10-20160204.pdf X 471-Main Article-450-1-10-20190830.pdf	104	0,93
CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE.docx X 471-Main Article-450-1-10-20190830.pdf	39	0,57



=====

Arquivo 1: [CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE.docx](#) (1722 termos)

Arquivo 2: [8075-Texto do artigo-23209-1-10-20160204.pdf](#) (6124 termos)

Termos comuns: 99

Similaridade: 1,27%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE.docx](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento [8075-Texto do artigo-23209-1-10-20160204.pdf](#)

=====

CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE

Resumo

Esse artigo é uma resenha crítica do filme Coringa (2019) com direção de Todd Phillips, o filme retrata um adulto com problemas de saúde mental que tem dificuldades em se inserir na sociedade após um tempo preso no manicômio e a ascensão do personagem com transtorno mental para um vilão símbolo da revolta popular contra políticos. Buscou-se analisar os distúrbios mentais existentes do personagem Coringa e a crítica recorrente que o filme traz ao funcionamento da sociedade e suas desordens, tendo como embasamento para discussão a teoria da Psicanálise, tendo como principais resultados as discussões acerca dos transtornos existentes do personagem e o relapso do sistema de saúde.

Palavras Chaves: Psicopatia, Esquizofrenia, Doença Mental

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo a busca dos conceitos da psicanálise e de como são usados no enredo do filme Coringa (2019) e buscando entendimento sobre os transtornos do protagonista que não são claros o suficiente e assim trazendo uma reflexão acerca do ser humano por trás dos transtornos mentais e suas possíveis causas e desordens.

Coringa é um personagem dos quadrinhos sendo o principal arqui-inimigo do herói Batman, foi criado e teve sua primeira aparição em 1940 na revista do Batman pela editora DC Comics, onde a loucura é entendida como seu principal poder. Quase depois de 80 anos de sua criação e ele é considerado por muitos críticos e leitores o maior vilão das revistas em quadrinho, proporcionando grandes mudanças na literatura desse gênero. O filme desperta a curiosidade sobre possíveis transtornos mentais do personagem e embarca em uma crítica um tanto quanto encoberta sobre a sociedade e o modo como é tratado os doentes mentais assim levando ao telespectador a refletir sobre a vida do protagonista.

O ENREDO

Arthur Fleck é o verdadeiro nome do Coringa e o filme retrata sua vida pós internação no manicômio Arkham e mostra suas visitas a assistente social onde vai para falar sobre seus dias isso leva a um retrato do serviço público carente ofertado a pessoas com transtornos mentais e a falta de profissionais qualificados, já que está claro nos diálogos do filme que a assistente parece não compreender os devaneios e os sentimentos do personagem e demonstra se importar em ajuda-lo realmente. Quando a assistente social relata que os encontros acabarão pelo motivo de cortes de verbas, é citado que o governo não liga para pessoas como ele doentes mentais, pois não sabe o que fazer com esses indivíduos quando colocados novamente em sociedade, podemos associar com o corte de verbas do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) no Brasil que é voltado para pessoas com doenças mentais, que deixaram cerca de 319 unidades desatendidas de profissionais qualificados e amparo a pessoas com transtornos mentais que dependem do governo (PINHEIRO,2018).



O CORINGA E A PSICANÁLISE

A risada é uma das características principais desse vilão, o filme tem seu princípio induzindo o telespectador a pensar que seja um distúrbio em decorrência de um dano cerebral que o personagem principal Coringa sofreu na infância pelos maus tratos da mãe e do namorado desta, porém logo a frente ele relata que não ri em decorrência do distúrbio e sim porque quer, ou seja, fica a dúvida se pode ser tanto um mecanismo de defesa do ego, que se inicia nos primeiros anos da infância assim como do protagonista, e uma psicose que obriga o ego a desenvolver mecanismos específicos de defesa que são processos subconscientes realizados pela personalidade, que ajuda a mente nos processos que podem gerar ansiedades, hostilidades, frustrações não resolvidas a modo conscientes (SILVA, 2011; KLEIN, 1982). A Questão não é solucionada no filme então fica a curiosidade se as risadas presentes nas situações que ele se sente nervoso/pressionado são de fato uma lesão cerebral que veio a prejudica-lo nesse aspecto.

Arthur apresenta traços de psicopatia que é considerado um dos transtornos de personalidade, pois psicopatas são entendidos como indivíduos frios, inaptos para manter relacionamentos, pessoas com baixa tolerância à frustração, tendência a agressividades, sem sentimento de culpa ou seja, eles não sentem remorso com as mortes que causam e sim um alívio, o personagem sente isso quando mata pela primeira vez. Entretanto na abordagem Freudiana, não se usa o termo psicopatia, e sim, perversão – que é dividida em vários tipos – que, de acordo com Freud, a perversão é um tipo específico de estruturação subjetiva, de desejo e fantasia (DA SILVA, 2015)

Um dos grandes motivos de conflitos para o personagem é a relação com a mãe que é conturbada apesar de ser o cuidador dela, fica claro na história que a mesma tem distúrbios mentais que acaba por influenciar no modo de criação do filho, não apresenta afetividade declarada pelo mesmo. A busca de Coringa pelo seu pai evidencia a carência de afeto que o mesmo tem, pois, como dito ele só queria um abraço de pai, porém descobre a mentira da mãe sobre sua origem e isso o deixa transtornado.

Quando Arthur descobre a mentira sobre sua origem ele mata a mãe com uma tranquilidade que não pode ser entendida como normal e além disso psicopatas podem infringir leis para obter o que querem e assim se torna importante a precisa identificação do mesmo (SUECKER, 2005; LEWIS, 2005). Porém é importante lembrar que nenhuma punição é capaz de fazer com que o psicopata mude suas maneiras e modos, apesar de que as práticas de punição, de ordem médica e jurídica, sejam as que mais recaiam sobre os indivíduos com esse transtorno (SHINE, S. K, 2000).

Para a psicanálise desde 1896 quando foi elaborada a primeira teoria do aparelho psíquico, um indivíduo deve estruturar-se psiquicamente como neurótico, psicótico ou perverso as diferenças de estruturas são inconscientes (FREUD, 2016). Coringa pode ser classificado dentro da psicose com os sintomas de alucinação, confusão de pensamentos e a presença do transtorno da esquizofrenia que é uma das subdivisões da psicose. Além de apresentar traços psicóticos e esquizofrênicos, Coringa apresenta depressão como sentimento de tristeza, irritabilidade e agressividade (FU I, CURATOLO, & FRIEDRICH, 2000). Os sintomas depressivos podem interferir na ressocialização de um doente mental e na maneira como ele percebe o mundo.

Arthur se transformou no Coringa utilizando sua maquiagem de palhaço como uma espécie de casulo onde assim ele poderia ser quem verdadeiramente queria. O processo de exclusão social foi imposto pela hospitalização em asilos; pelo aparecimento da psiquiatria, que passou a considerar os tutores dos considerados insanos e incapazes do convívio social e com isso afastando os pacientes da sociedade (SZAZZ, 1978).



Durante o filme é mostrado em muitas cenas os pensamentos delirantes de Arthur e outros sintomas típicos da esquizofrenia paranoide que caracteriza -se pela presença de ideias delirantes, em geral acompanhadas de alucinações e de perturbações das percepções, no filme ele se imagina em um relacionamento com a sua vizinha e isso não era real, assim como na sua apresentação de stand-up onde ele pensou que estava fazendo sucesso, entretanto a plateia não gostou dele. É um transtorno de longa duração no qual o indivíduo experimenta períodos de crises e remissões que resultam em deterioração do funcionamento do doente, causa muitos danos e perdas nas habilidades para se relacionar individual e socialmente e para manter pensamentos completos, onde ele demonstra em várias cenas sua **dificuldade de se** relacionar em sociedade (NETO, F. K., LEMES, C. F., PEDERZOLI, A. A., & HERNANDES, M. L. A, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coringa é um retrato real da nossa sociedade atual, mesmo se passando a alguns anos atrás, consegue captar a essência de um doente mental psicótico e esquizofrênico e de como a sociedade com seu descaso o ajudou a se transformar nisso. O palhaço se torna um símbolo das manifestações por melhorias na sociedade, mesmo ele admitindo em rede nacional ser um assassino, o filme retrata um personagem doente mentalmente sendo **um retrato da** sociedade em que convive. Os pontos apresentados no artigos vão de encontro com a teoria psicanalítica, como ela pode ser empregada e embasada no enredo do filme e de como o personagem principal é um resultado da sociedade que ele vive, além da sua doença mental, o filme não clássica os transtornos de Arthur, não se prendem a rótulos e é exposto seus sintomas mas nunca um diagnóstico conciso, isso vai da imaginação do telespectador. O indivíduo é produto da sociedade do meio em que vive. Se a sociedade favorece a reintegração as chances de ter sucesso serão maiores, mas se a sociedade reprime o indivíduo ele se voltará contra ela.

REFERÊNCIAS

- DA SILVA, Jordan Prazeres Freitas. **A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia. Mnome-Revista de Humanidades**, v. 16, n. 37, p. 72-90, 2015.
- FREUD, Sigmund. Neurose, psicose, perversão. Autêntica, 2016.
- FU I. L., CURATOLO, E., & FRIEDRICH, S. (2000). Transtornos afetivos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 22, 24-27.
- KAPLAN, H. B.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica. **Porto Alegre: Artes Médicas**, 2003.
- KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: _____. Os progressos na **psicanálise**. **Rio de Janeiro**. Guanabara, 1982. p. 314-343.
- LEWIS, D. **Sociopatia: transtorno e delinquência. Direito e Justiça**, v. 31, n. 2, p. 25- 40. 2005.
- NETO, F. K., LEMES, C. F., PEDERZOLI, A. A., & HERNANDES, M. L. A. (2011). DSM e psicanálise: uma discussão diagnóstica. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 44-55.
- PHILLIPS, T., COOPER, B., TILLINGER, E. (Producers), & PHILLIPS, T. (Director). (2019). *Coringa* [Film]. Estados Unidos da América: Warner Bros. Entertainment.
- PINHEIRO, L. (2018, 19 de Novembro). Ministério da saúde suspende quase R\$ 78 milhões em repasses para atendimento à saúde mental. G1. **Disponível em** <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/11/19/ministerio-da-saude-suspende-quase-r-78-milhoes-em-repasses-para-atendimento-a-saude-mental.ghtml>
- SILVA, Cristina Martins Cunha da et al. Compreender para intervir: um estudo sobre a prática alienativa nas varas de família. 2011.



SHINE, S. K. Psicopata. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2000.

SUECKER, B. Sociopatia: transtorno e delinquência. *Direito e Justiça*, v. 31, p. 25-40. 2005.

SZAZZ, T. (1978). A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento da saúde mental. Rio de Janeiro: Zahar.

Joker and the portrait of a villain created by society

Abstract: This article is a critical review of the film Joker (2019) directed by Todd Phillips, the film portrays an adult with mental health problems who has difficulties in entering society after a time imprisoned in the asylum and the rise of the character with mental disorder for a villainous symbol of popular revolt against politicians. We sought to analyze the existing mental disorders of the character Joker and the recurring criticism that the film brings to the functioning of society and its disorders, having as basis for discussion the theory of Psychoanalysis, having as main results the discussions about the existing disorders of the character and the collapse of the health system.

Keywords: Psychopathy, Schizophrenia, Mental Illness



=====
Arquivo 1: [8075-Texto do artigo-23209-1-10-20160204.pdf](#) (6124 termos)

Arquivo 2: [471-Main Article-450-1-10-20190830.pdf](#) (5151 termos)

Termos comuns: 104

Similaridade: 0,93%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [8075-Texto do artigo-23209-1-10-20160204.pdf](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** [471-Main Article-450-1-10-20190830.pdf](#)

=====
mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

72

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

A Psicopatia **a partir da** Psicanálise:

desmistificando a visão da mídia

The Psychopathy from the Psychoanalysis:

demystifying the media view

Jordan Prazeres Freitas da Silva¹

RESUMO: Nos últimos anos os meios de comunicação, têm passado para sociedade uma visão distorcida do real

significado de psicopatia. O psicopata sempre esteve associado a crimes e contravenções, a partir daí o principal

foco do estudo é que após a leitura, o leitor possa reavaliar suas convicções **sobre o tema**. Este artigo tem como

objetivo efetuar uma análise e uma desmistificação **do conceito de psicopatia**, tendo presente a sua evolução. São

analisados os principais indicadores que caracterizam as perspectivas clínica, categorial, tipológica e dimensional

do conceito de psicopatia, assim como os principais aspectos que as diferenciam. No final do artigo é discutido o

impacto, quer em termos teóricos quer empírico dos aspectos que são defendidos como centrais, na definição de

psicopatia, segundo a psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia, Psicopatia, Psicanálise.

ABSTRACT: In recent years the media have passed to society with a distorted view of the real meaning of psychopathy. The psychopath always associated with crimes and misdemeanors, from there the main focus of the

study is that after reading, the reader can re-evaluate your beliefs **on the subject**. **This article aims to make an**

analysis and demystification of **the concept of** psychopathy, taking into account its evolution. Leading



indicators

are analyzed to characterize the clinical perspective, categorical, typological and dimensional concept of psychopathy, as well as the main aspects that differentiate them. At the end of the article the impact is discussed,

either in theory or empirical aspects that are defended as central in the definition of psychopathy, according to

psychoanalysis.

KEYWORDS: Media, Psychopathy, Psychoanalysis.

Introdução

Atualmente os meios de comunicação de massa se constituem não apenas como formas de entretenimento de fácil acesso e assimilação, mas também como meios de informação e formação de opinião. Jornais, revistas, filmes, programas, séries de TV e histórias em quadrinhos por serem amplamente consumidos pela população, acabam sendo utilizados como formas de conhecimento e aprendizagem. Dessa forma, a partir do seu forte poder persuasivo, a mídia tem passado a sociedade uma visão distorcida do real significado de psicopatia.

1 Graduando em Psicologia, Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS). jordanpraazeres@gmail.com.

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

73

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

A ideia de psicopata desperta calafrios e um repúdio tal que a mídia não pode deixar de aproveitar para exacerbar o foco na perversidade: a série Dexter de Jeff Lindsay, estrelado por Michael C. Hall, é um excelente exemplo. A trama do programa procura mostrar o fantasma da pessoa “psicopata”, por meio das ações sádicas de um rapaz possuidor de um caráter mortífero, que o leva a tentar eliminar todos aqueles que ousem assassinar outro ser “inocente”.

Assim definindo o “psicopata” (“perverso para Freud”) como indivíduo cronicamente antissocial, que está sempre associado a crimes e contravenções, não aprendendo nem com a experiência, nem com a punição e que não mantém nenhuma ligação real com qualquer pessoa, grupo ou padrão. E a partir daí a sua marginalidade também já faz parte de sua posição social e confunde-se com sua condição clínica.

Porém, olhando por um viés científico, vemos que durante um século de psicanálise muito se produziu sobre neurose e psicose. Entretanto, isto não se passa da mesma forma com a perversão. Esta parece que ficou um pouco à margem na literatura psicanalítica. Fico me indagando qual a razão disso: a complexidade do tema? A pouca incidência de sujeitos perversos na clínica? Por que os psicanalistas se esquivam de falar sobre a perversão? Haveria um “não querer saber nada disso” sobre a perversão? Diante desse cenário interrogo: o que responde o psicanalista sobre a perversão? (MARTINHO, 2013).

Parafraseando Martinho (2013), podemos dizer que para Lacan, Freud respondeu essa pergunta em três tempos lógicos de sua obra. Em primeiro tempo teríamos “O instante do olhar”, após “O tempo para compreender” e finalizando com “O momento de concluir”, onde em cada tempo, o pensador Psicanalista tem um novo desenvolvimento sobre a perversão.



Vários autores acentuam o grande corte que Freud teria operado em relação às concepções anteriores, ao tomar a perversão como paradigma para caracterizar a sexualidade infantil, transformando-a, portanto, de "anomalia sexual" em algo que se situaria no âmbito da normalidade. Outros, como Lanteri-Laura (1979), considera que o corte empreendido pelo pai da psicanálise com a psiquiatria não teria sido tão radical, visto que Freud teve que se apoiar nesta literatura psiquiátrica, como fonte de saber para a nova ciência que tencionava criar (CASTRO; RUDGE, 2003).

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

74

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

Shine (2000, p. 57) assinala que "... o termo psicopatia – e suas variantes – foi tomado de empréstimo do campo da psiquiatria por vários psicanalistas, reproduzindo, no meio psicanalítico, a mesma difusão de sentidos quanto ao que se queria dizer com tal termo".

A partir daí, a perversão ganhou na psicanálise outro estatuto que não aquele que a medicina lhe concedera, e esta transposição de uma noção para um campo teórico diverso não se faz sem uma transformação. No espaço em que o instinto no animal, como um saber inato, garantiria a tendência biológica para a adaptação, Freud valorizou a precariedade do equipamento inato de adaptação do bebê, o que o destinaria ao laço social, e determinaria a importância fundamental das primeiras experiências e das relações na constituição de sua sexualidade e psiquismo (SHINE, 2000).

Apesar do enorme leque de informações que o mundo hoje tem, a nação acabou ficando em seu estado vegetativo, não procurando mais pesquisar sobre alguns assuntos, mas apenas acreditando no que é passado pela mídia. Desta forma, por "psicopatia" ser um tema bastante repercutido, escolhemos essa temática para ser debatida. O nosso principal foco do estudo é que após a leitura, o leitor possa reavaliar suas convicções sobre o "psicopata/perverso". A partir daí o objetivo do estudo será discutir a psicopatia a partir da psicanálise, desmitificando a visão midiática e, relatar e apresentar a visão da mídia a respeito da psicopatia.

Onde nosso estudo é básico, explicativo, tendo por objetivo ampliar generalizações, definir mais amplas, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar hipóteses numa visão mais unitária do universo e gerar novas hipóteses por força de dedução ocorrência dos fenômenos. Terá natureza qualitativa que considera a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito.

Nosso trajeto começará por recolher as principais passagens em que Freud e Lacan debruçam-se sobre o tema da perversão. No segundo momento, procuraremos esclarecer os principais aspectos da psicopatia visando realizar, se assim pudermos nos expressar, sobre a visão da mídia, usando como arma principal o desmentir e a desconstrução de tudo, ou quase tudo, que já se escreveu sobre esse tema. Vários foram os trabalhos Freudianos sobre esse

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

75

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

"indivíduo cronicamente antissociais" e a partir deles, teremos uma base científica para o nosso estudo



Referencial teórico

A visão midiática da Psicopatia

A **relação entre a** mídia e a criminalidade é uma das mais controvertidas no campo social, isso pela dificuldade de se estabelecer um vínculo causal entre as representações midiáticas e seus efeitos (SALGADO, 2008).

Nos casos envolvendo psicopatas não é diferente. A mídia em muitos casos dá uma visão distorcida sobre o termo de psicopatia e sobre os psicopatas, associando-os a pessoas de dupla personalidade, assassinos em série e de sangue frio ou ainda indivíduos sem compaixão ou piedade. Em alguns casos esses aspectos até se encaixam, mais na maioria das vezes não. Devemos também levar em consideração que nem todo psicopata é um assassino (FILHO, 2006).

Segundo o psiquiatra norte-americano Hervey M. Cleckley (1941) existem quatro subtipos diferentes de psicopatas:

Os PSICOPATAS PRIMÁRIOS: não respondem ao castigo, à apreensão, à tensão e nem à desaprovação. Parecem ser capazes de inibir seus impulsos antissociais **quase todo o** tempo, não devido à consciência, mas sim porque isso atende ao seu propósito naquele momento. As palavras parecem não ter o mesmo significado para eles que têm para nós. Não têm nenhum projeto de vida e parecem ser incapazes de experimentar qualquer tipo de emoção genuína. Os PSICOPATAS SECUNDÁRIOS: são arriscados, mas são indivíduos mais propensos a reagir frente a situações de estresse, são beligerantes e propensos ao **sentimento de culpa**. Os psicopatas desse tipo se expõem a situações mais estressantes do que uma pessoa comum, mas são tão vulneráveis ao estresse como a pessoa comum. São pessoas ousadas, aventureiras e pouco convencionais, que começaram a estabelecer suas próprias regras do jogo desde cedo. São fortemente conduzidos por um desejo de escapar ou de evitar a dor, mas também são incapazes de resistir à tentação. Tanto os psicopatas primários como os secundários estão subdivididos em: PSICOPATAS DESCONTROLADOS: **são os que** parecem se aborrecer ou enlouquecer mais facilmente e com mais frequência do que outros subtipos. Seu delírio se assemelhará a um ataque de epilepsia. Em geral também são homens com impulsos sexuais incrivelmente fortes, capazes de façanhas mne me – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

76

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo. assombrosas com sua energia sexual. Também parecem estar caracterizados por desejos muito fortes, como o vício em drogas, a cleptomania, a pedofilia ou qualquer tipo de indulgência ilícita ou ilegal. PSICOPATAS CARISMÁTICOS: são mentirosos, encantadores e atraentes. Em geral são dotados de um ou outro talento e o utilizam a seu favor para manipular os outros. São geralmente compradores e possuem uma capacidade quase



demoníaca de persuadir os outros a abandonarem **tudo o que** possuem, inclusive suas vidas. Com frequência, esse subtipo chega a acreditar em suas próprias invenções. São irresistíveis.

Blackburn (1998) desenvolveu uma interessante tipologia para os subtipos de psicopatas. Ele fez uma distinção entre dois tipos de psicopatas e ambos compartilhando um alto grau de impulsividade: um Tipo Primário, caracterizado por uma adequada socialização e uma total falta de perturbações emocionais, e um Tipo Secundário, caracterizado pelo isolamento social e traços neuróticos.

Apesar **de todas as** variações tipológicas dos mais diversos autores todos parecem estar de acordo nas características nucleares do conceito; impulsividade e falta de sentimentos **de culpa ou arrependimento**. Segundo Millon (1998) mesmo considerando diversos subtipos de psicopatas, deixa claro que existem elementos comuns a todos os grupos: um marcado egocentrismo e um profundo desprezo pelos sentimentos e necessidades alheias. Filmes e séries como: O Mentalista (The Mentalist), Dexter, O Massacre da Serra Elétrica, e Jogos Mortais, são algumas entre muitas outras dramaturgias que a mídia se aproveita e mostra seus personagens como um psicopata primário, conhecido como Serial Killers (OLIVEIRA; GALDINO, 2013).

De acordo com Oliveira e Galdino (2013), a série Dexter estrelada em 2006 na rede de TV americana FOX, que tem como personagem principal Dexter Morgan, retrata a vida de um cientista que concilia sua vida social, a família, os amigos e o casamento com um trauma de infância, o assassinato brutal de sua mãe, fato que justifica de certo modo sua necessidade de matar.

Ainda segundo os autores:

A série ainda favorece para recriar a imagem do psicopata, antes encarado como apenas um lunático, sujo, doentio, apático e serial killer; a agora um ser mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

77

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo humano comum, mas ainda assim com os mesmos comportamentos transgressores **que os psicopatas** citados anteriormente. Um dos focos apelativos da série é a camuflagem social que o personagem consegue exercer para evitar ser descoberto. Tal atitude atribuída a sentimentos de inteligência e eloquência cria, no entanto, uma forte admiração e até endeusamento por parte dos telespectadores, no **que o psicopata** Serial killer acaba por se tornar o mais novo herói da modernidade. Embora Dexter seja uma série que proponha a diferença com relação à personagem heroica que é ao mesmo tempo um retrato da monstruosidade, a sua produção não hesita em mostrar que a ordem é o lugar ideal para se viver bem (OLIVEIRA; GALDINO, 2013, p. 03).

Caracterizando o psicopata



Definir psicopatia reveste-se de grande complexidade. Na verdade, a definição deste conceito foi alvo de várias influências, quer em termos da sua evolução na vertente científica, quer em termos da sua utilização ao nível da linguagem de senso comum, onde este conceito surgiu como sinónimo de “louco” ou “criminoso” (SOEIRO; GONÇALVES, 2010). Morana, Stone e Filho (2006) nos mostram que:

O CID, em sua décima revisão, descreve oito tipos de transtornos específicos de personalidade: paranóide; esquizóide; antissocial; emocionalmente instável; histriônico; anancástico; ansioso; e dependente. 1) Transtorno paranóide: predomina a desconfiança, sensibilidade excessiva a contrariedades e o sentimento de estar sempre sendo prejudicado pelos outros; atitudes de auto-referência. 2) Transtorno esquizóide: predomina o desapego, ocorre desinteresse pelo contato social, retraimento afetivo, dificuldade em experimentar prazer; tendência à introspecção. 3) Transtorno antissocial: prevalece a indiferença pelos sentimentos alheios, podendo adotar comportamento cruel; desprezo por normas e obrigações; baixa tolerância a frustração e baixo limiar para descarga de atos violentos. 4) Transtorno emocionalmente instável: marcado por manifestações impulsivas e imprevisíveis. Apresenta dois subtipos: impulsivo e borderline. O impulsivo é caracterizado pela instabilidade emocional e falta de controle dos impulsos. O borderline, por sua vez, além da instabilidade emocional, revela perturbações da autoimagem, com dificuldade em definir suas preferências pessoais, com consequente sentimento de vazio. 5) Transtorno histriônico: prevalece egocentrismo, a baixa tolerância a frustrações, a teatralidade e a superficialidade. Impera a necessidade de fazer com que todos dirijam a atenção para eles próprios. 6) Transtorno anancástico: prevalece preocupação com detalhes, a rigidez e a teimosia. Existem pensamentos repetitivos e intrusivos que não alcançam, no entanto, a gravidade de um transtorno obsessivo-compulsivo. 7) Transtorno ansioso (ou esquivo): prevalece

mneme – revista de humanidades
ISSN 1518-3394

78

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo. sensibilidade excessiva a críticas; sentimentos persistentes de tensão e apreensão, com tendência a retraimento social por insegurança de sua capacidade social e/ou profissional. 8) Transtorno dependente: prevalece astenia do comportamento, carência de determinação e iniciativa, bem como instabilidade de propósitos.

Na literatura psiquiátrica, atribui-se frequentemente o emprego do termo “psicopático”, que foi usado por Koch pela primeira vez em sua obra *As inferioridades psicopáticas*, de 1891. Segundo Werlinder tratar-se-ia de um anacronismo, uma vez que o termo psicopático já havia sido empregado por Von Feuchtersleben (1845), Griesinger (1868) e Krafft-Ebing (1886), antes do trabalho de Koch. Contudo, esse termo, tal como empregado por tais autores, possuía



uma extensão que tornava seu emprego singularmente afastado do uso corrente que dele se faz na atualidade. Portanto, deve-se à escola de psiquiatria alemã, por meio de Koch, a introdução do termo “psicopatia” na sua acepção moderna (HENRIQUES, 2009).

Vale ressaltar que, no século XIX, a expressão “psicopata” (do grego: psyché = alma; pathos = paixão, sofrimento) era utilizada pela literatura médica em seu sentido amplo, para designar os doentes mentais de modo geral, não havendo ainda uma ligação entre a psicopatia e a personalidade antissocial. Freud usou essa expressão em sua acepção ampla, como o atesta seu artigo Personagens psicopáticos no palco, de 1905 ou 1906. Esse uso do termo “psicopatia” como sinônimo de doença mental ainda não desapareceu por completo, sobretudo na literatura não especializada. Na Alemanha oitocentista, contudo, essa expressão foi paulatinamente adquirindo um sentido mais restrito, na medida em que ela foi sendo acoplada pela psiquiatria germânica aos conceitos de “personalidade” e “constituição” (HENRIQUES, 2009, p. 287).

Com os trabalhos de Kraepelin, Birnbaum e Gruhle, uma rígida fronteira entre psicopatia e psicose foi estabelecida. Segundo tais autores, a psicopatia seria sempre devida a uma disposição constitucional, que poderia se manifestar ou não no decorrer da vida do indivíduo, dependendo inclusive de influências ambientais. No entanto, a psicopatia nunca progrediria para uma psicose – a perda de contato com a realidade -, a qual seria sempre um fenômeno de outra ordem na vida da pessoa. Poderia haver comorbidade numa mesma pessoa das duas condições, embora nenhuma ligação etiológica pudesse haver entre elas. As tipologias

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

79
Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

negativas de Kraepelin acerca das “personalidades psicopáticas” (termo cunhado por ele na sétima edição de seu Tratado de Psiquiatria, que data de 1904) contribuiriam para o direcionamento do conceito de psicopatia rumo ao antissocial (HENRIQUES, 2009, p. 287).

Numa direção totalmente oposta à de seus contemporâneos, Kretschmer, em sua obra Biótipo e caráter, de 1922, ele derrubaria as fronteiras entre psicopatia, psicose e normalidade, instituindo um continuum de manifestações que iam da normalidade à doença. Sua controversa ideia de que a personalidade psicopática era uma forma atenuada de transtorno mental (como, por exemplo, transtorno esquizoide e paranoide da personalidade) não seria plenamente aceita (MORANA; STONE; FILHO, 2006).

Entre 1923 e 1955 Schneider realizou importantes contribuições no campo da psicopatia. Este autor utilizou o termo “personalidade psicopática” como uma entidade integradora de certas patologias, apresentando uma clara distinção entre os conceitos de doença mental e de psicopatia. O autor considerou ser errado definir como doença mental uma perturbação que tem por base traços psíquicos (CANTERO, 1993).

A sua classificação baseava-se, então, nos traços disposicionais associados ao estudo da personalidade e das vivências que determinavam o desenvolvimento da mesma. Nesta perspectiva, a psicopatia está relacionada com desvios quantitativos das características normais da personalidade, salientando-se, desta forma, a importância dos aspectos predisposicionais (GONÇALVES, 1999).

Henriques (2009) nos lembra de que:



(...) com a crescente influência da psicanálise e da fenomenologia no campo psiquiátrico ocidental, a partir da segunda metade do século XX, durante o Pós-Guerra, os conceitos germânicos sobre psicopatia tiveram um declínio de importância, em vista da maior ênfase concedida aos fatores externos na formação da subjetividade. O conceito de psicopatia foi se restringindo e se associando ao antissocial, que passou a predominar a partir de então.

Uma pessoa “antissocial” que apesar da boa impressão inicial, logo se descobrirá, a partir de situações cotidianas, que não possui senso de responsabilidade, independentemente do tipo de compromisso assumido, seja ela vulgar ou sério. A confrontação com suas falhas ou com sua

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

80
Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

deslealdade parece não influenciar nas suas atitudes. Contudo, o psicopata não age de modo antissocial todo o tempo, sendo comum a alternância com condutas socialmente aceitas e valorizadas – ele pode, por um determinado período, frequentar o trabalho regularmente, pagar suas contas em dia ou ignorar oportunidades para cometer atos ilícitos. Não se pode prever quanto tempo vai durar sua boa conduta, dado que uma recidiva é quase certa (PIERSON, 2012).

Apesar da inteligência acima da média, o psicopata não consegue aprender com seus erros. Nenhuma punição é passível de fazer com que o psicopata mude suas maneiras, embora as práticas punitivas, de ordem médica e jurídica, sejam as que mais recaiam sobre ele (PAES, 2009, p. 290).

A vida sexual dos psicopatas é caracterizada por práticas sexuais desviantes (inclusive incestuosas), sem que isso forme um padrão de comportamento. O homossexualismo raramente é encontrado, ao menos enquanto a única forma de orientação sexual. De modo geral, as relações sexuais, que podem ser de vários tipos, são impessoais e não implicam relacionamentos afetivos duradouros (CLECKLEY, 1976).

Psicanálise - do termo à explicação

Após uma caracterização da figura do psicopata, é importante fazer uma abordagem histórica da psicanálise, uma vez que o estudo se fundamenta em teorias psicanalíticas. Então partindo do começo é preciso esclarecer o significado da expressão. O que é psicanálise e qual sua essência? (MEZAN, 2007).

Começemos com o que o próprio Freud – percussor dessa ciência - diz quanto à natureza da sua invenção. O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, a um método interpretativo e a uma prática profissional. Enquanto teoria, a psicanálise caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. Freud publicou uma extensa obra, durante toda a sua vida, relatando suas descobertas e formulando leis gerais sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana (HERRMANN, 1984).

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

81



Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

A Psicanálise, enquanto método de investigação caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que são manifestos por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos. A prática profissional refere-se à forma de tratamento — a Análise — que busca o autoconhecimento ou a cura, que ocorre através desse autoconhecimento. Atualmente, o exercício da Psicanálise ocorre de muitas outras formas. Ou seja, é usada como base para psicoterapias, aconselhamento, orientação; é aplicada no trabalho com grupos, instituições (HERMANN, 1984).

A psicanálise, que se faz através da conversação, trata as doenças mentais **a partir da** interpretação desses fenômenos, levando o paciente a identificar as origens de seu problema, o que pode ser o primeiro passo para a “cura” (SILVA, 2012).

Sexo e Libido foram o sentido onde Freud buscou explicar a vida humana pessoal e individual, mas também pública e social, recorrendo a essas tendências sexuais a que chamou de libido. Com esse termo Freud designou a energia sexual de maneira mais geral e indeterminada. Assim, por exemplo, em suas primeiras manifestações, a libido liga-se a outras funções vitais: no bebê que mama, o ato de sugar o seio materno provoca outro prazer além do de obter alimento e esse prazer passa a ser buscado por si mesmo. Freud afirma que a boca é uma "zona erógena" e considera que o prazer provocado pelo ato de sugar é sexual. Portanto, repare bem, a libido pode nada ter em comum com as áreas genitais (MEZAN, 2010. p. 52). Os principais aspectos destas descobertas são: 1. A função sexual existe desde o princípio de vida, logo após o nascimento e não só **a partir da** puberdade como afirmavam as ideias dominantes. 2. O período da sexualidade é longo e complexo até chegar a sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção de prazer podem estar associadas, tanto no homem como na mulher. Esta afirmação contrariava as ideias predominantes de que o sexo estava associado, exclusivamente a reprodução. 3. A libido, nas palavras de Freud, é a "energia dos instintos sexuais e só deles" (SHINE, 2000. p. 36).

Um dos mais populares estudos Freudianos e bastante discutido até o dia de hoje, e muitas vezes contestado pela psicologia cognitivo-comportamental ou ainda pela neurociência, mnome – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

82

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

é o conceito da divisão **da mente humana** que Freud expôs **em seu livro "O Ego e o Id"**, publicado em 1923. O ego que se identifica à nossa consciência; 2) **o superego, que** seria a nossa consciência moral, ou seja, os princípios sociais e as proibições que nos são inculcadas nos primeiros anos de vida e que nos acompanham de forma inconsciente a vida inteira; 3) o id, isto é, os impulsos múltiplos da libido, dirigidos sempre para o prazer. (SHINE, 2000. p. 36).

A influência que Freud exerceu em várias correntes da ciência, da arte e da filosofia foi enorme. Mas não se deve deixar de **dizer que muitos** filósofos, psicólogos e psiquiatras fazem sérias objeções ao modo como o pai **da psicanálise e** seus discípulos apresentam seus conceitos: como realidades absolutas e não como hipóteses ou instrumentos de explicação **que podem ser** ultrapassados pela evolução científica e, em alguns casos, foram mesmo (BRENNER, 2012).

Além disso, vários conceitos desenvolvidos pela psicanálise serviram a diversos ramos



da psicologia e possibilitaram o avanço dessa ciência que é muito mais **do que um** simples complemento da psiquiatria, enquanto uma especialidade médica (COSTA, 1964).

Psicanálise, à luz da perversão – Psicopatia

Pelo fato do tema perversão ter ficado durante muitos anos à margem da literatura

Psicanalítica, muitos teóricos se perguntam qual a razão disso: seria a complexidade do tema?

Ou, A pouca incidência de sujeitos perversos na clínica?

Santos (2013) nos diz que:

A psicanálise, por valorizar uma clínica na qual o sujeito é o protagonista que transmite um saber sobre o seu sofrimento, deixa de lado etiquetas diagnósticas que amiúde enquadraram e silenciaram o indivíduo, fato que, em certa medida, explica o porquê de seu retraimento em empreender pesquisas **sobre a psicopatia**.

Porém, Martinho (2013) em seu artigo “O que responde o psicanalista sobre a perversão?” nos lembra de que Freud, também respondeu a essa indagação em três tempos lógicos de sua obra. Podendo-se **dizer que**: o primeiro tempo – O instante do olhar – reflete o momento em que Freud vê algo de diferente daquilo que **a comunidade científica** daquela época apregoava em relação à perversão. Esse primeiro tempo se apresenta claramente delineado no

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

83
Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

extraordinário texto de 1905, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, no qual Freud distingue com clareza a perversidade da perversão sexual encontrada em todo ser humano. Nesse texto, Freud reconhece que "a disposição às perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual dos seres humanos" (p. 211).

O segundo – O tempo para compreender – é marcado por um momento de virada que provoca uma reviravolta em todo o desenvolvimento teórico do pensamento analítico no que se refere à neurose e à perversão. Esse tempo se evidencia em **um estudo de** 1919, sobre a gênese das perversões, intitulado "Bate-se numa criança: uma contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais", **a partir do** qual Freud compreende que a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas são precipitadas **do complexo de** Édipo, cicatrizes deixadas pelo processo que expirou.

O terceiro tempo – O momento de concluir – introduz um novo desenvolvimento metapsicológico na obra freudiana. Nesse tempo, baseando-se em novas observações clínicas, Freud amplia as suas concepções acerca do fetichismo com a publicação de um texto excepcional, intitulado Fetichismo (1927), no qual faz, pela primeira vez com clareza, a correlação entre a perversão fetichista e um mecanismo próprio de defesa contra a castração: a Verleugnung - recusa. Nesse tempo, a perversão ganha o status de categoria clínica, fazendo série com a neurose e com a psicose.

A releitura que Lacan faz da obra de Freud nos auxilia a compreender esses



três tempos da seguinte maneira: no primeiro, Três ensaios, é um divisor de águas, ressalta que os traços de perversão que Freud descobriu na neurose desvelam apenas a natureza do gozo **do sujeito e** não a sua estrutura clínica. No segundo, “Bate-se numa criança”, a fantasia assume para Freud a estrutura irreduzível de um enunciado gramatical cuja gênese se liga à história do sujeito. Lacan considera que foi por meio da análise da fantasia de espancamento que Freud fez a perversão entrar em sua verdadeira dialética analítica. No terceiro tempo, “Fetichismo”, Lacan isola o termo “Verleugnung” na obra freudiana, e a partir das descobertas de Freud, pode dar à “Verleugnung” um estatuto próprio que define o mecanismo da perversão (MARTINHO, 2013, p. 01).

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

84

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

A nosografia psicanalítica concebe a perversão como um tipo específico de estruturação subjetiva, desejo e fantasia. A psicanálise advoga o princípio de que a sexualidade infantil possui a característica de ser perversa, por explorar, exagerar e transgredir os diferentes modos de satisfação, e de ser polimorfa, por admitir muitas formas, modeláveis e variáveis. A perversão no adulto diferencia-se disso por seu caráter de fixidez (uniforme) e pela função subjetiva de desautorização da lei. Inscrita em uma estrutura tripartite – de três partes -, a perversão aparece como uma renegação ou um desmentido da castração, com uma fixação na sexualidade infantil (ROSÁRIO; NETO, 2014).

Roudinesco (1998) salienta que através de Lacan, a perversão foi retirada do campo do desvio para fazer um componente do funcionamento psíquico do homem em geral, passando a se revelar como estrutura, em que ocorre uma espécie de provocação ou desafio permanente a lei.

Assim, a perversão não é só uma questão de infração da lei, mas refere-se a um desejo nítido, ao modo como nos colocamos e situamos o outro diante do que fazemos. Seguindo a trilha freudiana, **podemos dizer que o** conceito definidor da perversão é o desmentido que o sujeito opera sobre a angústia de castração (ROSÁRIO; NETO, 2014).

Ou seja, perversão, segundo Freud, é de certa forma natural no homem. Clinicamente é uma estrutura psíquica: ninguém nasce perverso, torna-se um ao herdar, de uma história singular e coletiva em que se misturam educação, identificações inconscientes, traumas diversos. Tudo depende em seguida do que cada sujeito faz da perversão que carrega em si: rebelião, superação, sublimação - ou, ao contrário, crime, autodestruição e outros (ROUDINESCO, 1998).

Uma diferença entre neuróticos é que enquanto eles funcionam psicologicamente adequando o ego às exigências do ambiente, recalando conteúdos conflitantes e angustiantes, no perverso, o ego fica à mercê do id, sujeitando-se a ele, rejeitando a realidade, apropriando-se de uma realidade substituta, onde ocorreriam as alucinações e os delírios. Na perversão, o desejo aparece como vontade de gozo, e o ato é praticado geralmente como vitorioso, isento de culpa. O perverso sabe o que quer, enquanto o neurótico reprime esse desejo. (FERREIRA;



mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

85

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

MENEZES, 2011).

No que tange ao aparelho psíquico do perverso, surge uma nova formatação, diferente dos neuróticos e psicóticos. Agora o ego negocia suas exigências com os desejos **do id e** com a realidade. Os perversos colocam em prática aquilo que os neuróticos não têm coragem de manifestar. Inclusive, estes reprimem, recalcam muitos dos atos característicos dos perversos, isto é, na perversão é possível considerar, ao mesmo tempo, as exigências **do id e** as da realidade, sem que uma anule ou interfira na outra. Não há nem o recalçamento dos desejos, como ocorre na neurose, nem rejeição à realidade, como ocorre na psicose (AULAGNIER; SPAIRANI, 1967).

Resultados e discussões

Após o trabalho, obtivemos e aprendemos **o conceito de Psicopatia** por parte da Psicanálise. Conseguimos aferir que para a abordagem Freudiana, não se utiliza **o termo psicopatia**, mas sim, perversão – que pode ser subdividida em vários tipos – que, para Freud, a perversão é como um tipo específico de estruturação subjetiva, desejo e fantasia. A psicanálise advoga o princípio de que a sexualidade infantil possui a característica de ser perversa, por explorar, exagerar e transgredir os diferentes modos de satisfação, e de ser polimorfa, por admitir muitas formas, modeláveis e variáveis. A perversão no adulto diferencia-se disso por seu caráter de fixidez (uniforme) e pela função subjetiva de desautorização da lei. Inscrita em uma estrutura tripartite, a perversão aparece como uma renegação ou um desmentido da castração, com uma fixação na sexualidade infantil (ROUDINESCO, 2010).

Conseguimos identificar que a Psicanálise em uma visão bem arcaica, “divide nossa mente em partes”, onde são três **as estruturas do aparelho mental**. Cada uma delas cuidaria de algum aspecto da nossa personalidade e regeria nossa interação **com outras pessoas**. Teríamos o ID, que constitui **o reservatório de** energia psíquica, é onde se localizam as pulsões de vida e de morte. As características atribuídas ao sistema inconsciente. É **regido pelo princípio do prazer**. **O Superego, que** se origina com o complexo do Édipo, **a partir da** internalização das proibições, dos limites e da autoridade. (É algo além do ego que fica sempre te censurando e

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

86

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

dizendo: Isso não está certo, não faça aquilo, não faça isso, ou seja, aquela que dói quando prejudicamos alguém, é o nosso “freio”.) E o Ego, que estabelece o equilíbrio **entre as exigências** do id, **as exigências da** realidade e as ordens do superego. A verdadeira personalidade, que decide se acata as decisões do (Id) ou do (Superego).

Vimos que para uma parte dos psicanalistas, de uma forma ampla, o problema do perverso vem do aparelho psíquico, onde o ID predomina em sua vida: pois, a única coisa que importa é o prazer próprio. E não importa se for preciso pisar e prejudicar o próximo para atingir os objetivos.



A perversão se caracteriza por uma fixação do desvio quanto ao objeto de desejo, e pela exclusividade de sua prática. Essa sexualidade estaria definida e cristalizada, por conta de um prejuízo na estruturação do Édipo na vida da criança. O perverso sabe o que quer, sabe o foco do seu desejo, mas nega a raiz de onde ele se originou, considerando a realidade e ao mesmo tempo a negando, substituindo-a pelo seu próprio desejo (FERREIRA E MENEZES, 2011). Desta forma, concluímos o trabalho conseguindo aferir que a desmistificação da visão midiática do termo psicopatia é importante, porque quebra os paradigmas existentes contra esses perversos. Mostra para a sociedade que **a psicopatia, não** é uma doença que transforma a pessoa em um serial killer, mas, é uma estrutura da personalidade **que se inicia a partir da infância, quando a criança** é um sujeito sexual que constantemente se experimenta e então se descobre. E, a partir desse experimentar e descobrir, é que se pode encontrar a distinção da perversão para a “normalidade”.

Considerações finais

Diante do exposto vimos à existência de várias definições de psicopatia. Conseguimos identificar também que a mídia nos últimos anos vem passando uma visão distorcida do significado de psicopatia. Consideramos preciso analisar antes de tudo a aproximação entre o diagnóstico e a crítica social, procurando algo além do que é apresentado pela mídia e a sociedade.

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

87

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

Os estudos revisados nesse artigo nos possibilitam ter uma noção mais aprofundada **do conceito de** perversão, que se inter-relaciona com **o transtorno de personalidade antissocial**, no entanto, possui suas particularidades. Importante assim salientar que essa discussão é de grande impacto nas últimas décadas, porque a psicopatia tem sido para alguns, sinônimo de doença. O trabalho desenvolvido nos possibilitou perceber a diversidade de estudos e analisar quais os indicadores que melhor definem essa perturbação da personalidade, possibilitando o desenvolvimento de uma forte relação entre os indicadores de psicopatia e os aspectos contextuais, **relacionados com a** temática exposta.

Percebemos que esse trabalho pode ser para a sociedade, uma forte fonte de informação no que diz respeito à ideia errônea construída pelo senso comum a respeito da perversão/psicopatia. E que os conceitos apresentados sobre perversão passaram por alguns desconcertos impregnados de doses moralistas, e apesar das inúmeras controvérsias ideológicas, cabe aqui considerar a perversão como **um conjunto de** comportamentos psicosssexuais que buscam um prazer de forma contínua. Conforme aprendemos com Freud, somos necessariamente seres sexuais, transferindo, recalando, liberando nossa libido, e variando inclusive nosso objeto de interesse ao longo da vida, estando ele dentro da perversão, ou não.

Vimos que os perversos fazem parte da nossa rotina, nos centros de saúde, na escola, na vizinhança, no trabalho e em tantos outros lugares. Que eles têm um transtorno e, nem sempre perdem o juízo da realidade, tampouco seus sintomas aparecem **na forma de** surtos, com delírios e alucinações, como em casos de esquizofrenia e transtorno bipolar.



Finalizamos entendendo que cabe a sociedade, relacionar e discernir o normal e o “pervertido”, para que se faça, ou não uma identificação do indivíduo perverso, uma vez que o “aceitável” **nada mais é** que uma convenção social.

Referências

AULAGNIER; AN SPAIRANI, M.N. . Escala Hare PCL-R: critérios para pontuação de psicopatia revisados. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1967.

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

88

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

BOCK, A. M., FURTADO, O. E TEIXEIRA, M. L. Psicologias - Uma Introdução ao estudo de **Psicologia**. Rio de Janeiro: Saraiva 2002.

CLECKLEY, H. (1941/1976). The mask of sanity (5th ed.). St. Louis: Mosby. Disponível em: www.quantumfuture.net/store/sanity_1.PdF > Acesso em: 01 jun. 2015

FADIMAN, J. E FRAGER, R. Teorias da Personalidade. São Paulo: Habba, 2006

FERRAZ, Flávio Carvalho. Perversão. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v27n52/v27n52a02.pdf>> Acesso em: 08 out. 2014.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIII – Feminilidade (1932-1933). In: _____. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira, v. 22, p. 113-134.

FREUD, S. Mal-estar na civilização (1929-1930). In: _____. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira, v. 21, p. 73-150. Disponível em: https://cei1011.files.wordpress.com/2010/04/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf> Acesso em: 01 jun. 2015.

FREUD, S. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: _____.Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira, v. 14, p. 325-348. Disponível em: <http://ideiaeideologia.com/wp-content/uploads/2012/10/freud-sigmund-obras-completas-cia-das-letras-vol-12-1914-1916.pdf> > Acesso em: 01 jun. 2015.



GARCIA, L. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2000.

HENRIQUES, R. P. de H. Cleckley ao **DSM-IV-TR**: a evolução **do conceito de psicopatia** rumo à medicalização da delinquência. Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 285-302, 2009. Disponível em: <>Acesso em: 01 jun. 2015.

SHINE, S. K. Psicopata. **Rio de Janeiro**: Casa do Psicólogo, 2000.

KOSSON, D. S.; SMITH, S. S.; NEWMAN, J. P. Evaluating the construct validity of psychopathy on black and white male inmates: Three preliminary studies. Journal of Abnormal Psychology, v.99, p. 250-259. 1990.

mneme – revista de humanidades

ISSN 1518-3394

89

Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

KRISCHER, M. K.; SEVECKE, K. Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. International Journal of Law and Psychiatry, v. 31, p.253-262. 2008.

LARANJEIRA, C. A. A análise psicossocial do jovem delinquente: Uma revisão da literatura. Psicologia em Estudo, v, 12, p. 221-227. 2007.

LETNER, Loula. "Na consciência dos criminosos há um fundo ignorado de bondade e de justiça." Disponível em:

<[http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=230:bases-psicodinamicas-da-](http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=230:bases-psicodinamicas-da-delinquencia&catid=53:estante-do-autor&Itemid=97)

[delinquencia&catid=53:estante-do-autor&Itemid=97](http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=230:bases-psicodinamicas-da-delinquencia&catid=53:estante-do-autor&Itemid=97)>Acesso em: 05 set. 2014.

LEWIS, D. Sociopatia: transtorno e delinquência. Direito e Justiça, v. 31, n. 2, p. 25- 40. 2005.

MOLL, J.; ESLINGER, P. J.; SOUZA, R. Frontopolar and anterior temporal cortex activation in a moral judgment task. Arquivos de Neuropsiquiatria, v. 59, n.3, p. 657-664. 2001.

MORANA, H. C. Subtypes of antisocial personality disorder and the implications for forensic research: issues in personality disorder assessment. Internal Medicine, v.6, p. 187-99. 1999.

MORANA, H. C.; STONE, M. H.; FILHO, E. A. **Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers**. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, p. 74-79. 2006.

MORANA, H. C.; CÂMARA, F. P.; FLÓREZ, J. A. Cluster analysis of a forensic population with antisocial personality disorder regarding PCL-R scores: Differentiation of two patterns of criminal profiles. Forensic Science International, v. 164, p. 98-101. 2006.



NADIS, S. Utter amorality: Can psychopaths feel emotions? Academic Search Premier, v. 17, p. 12-. 2002.

NOUVION, S. O.; CHEREK, D. R.; LANE, S. D.; TCHEREMISSINE, O. V.; LIEVING, L. M. Human proactive aggression: Association with personality disorders and psychopathy. Aggressive Behavior, v. 33, p. 552-562. 2007.

O'CONNELL, S. Mindreading: An investigation into how we learn to love and lie. London: Arrow Books Ltda, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) (Ed.). Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID -10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PRIDMORE, S.; CHAMBERS, A.; MCARTHUR, M. Neuroimaging in psychopathy. Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, v.39, p. 856-865. 2005.
mneme – revista de humanidades
ISSN 1518-3394
90
Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Dossiê História do Corpo.

RAINE, A.; BUCHSBAUMB, M. S.; STANLEY, J.; LOTTENBERG, S.; ABEL, L.; STODDARD, J. Selective reductions in prefrontal metabolism in murders. Society of Biological Psychiatry, v. 36, p. 365-373. 1994.

SANTOS, M., J., M., Sob o véu da **psicopatia: contribuições psicanalíticas**, Responsabilidades: revista interdisciplinar do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário - PAI-PJ Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, v.3, n., p. 109 – 110, 2003.

RICHELL, R. A.; MITCHELL, D. G. V.; NEWMAN, C. LEONARD, A.; BARON-COHEN, S.; BLAIR, R. J. R. Theory of mind and psychopathy: Can psychopathic individuals read the language of the eyes? Neuropsychologia, v. 41, p. 523-526. 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos. **Rio de Janeiro**: Zahar, 2008. Disponível em: <<http://www.zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/t1204.pdf>>
Acesso em:
08 out. 2014.

ROUDINESCO, E. Por que a psicanálise? **Rio de Janeiro**: J. Zahar, 2000.

ROUDINESCO. E., PLON, M. Dicionário de psicanálise. **Rio de Janeiro**: J. Zahar, 1998.

SCARPA, A.; RAINE, A. Psychophysiology of anger and violent behavior: Anger, aggression, and violence. The Psychiatric Clinics of North America, v. 20, n. 2, p. 375-394. 1997.



SCHNEIDER, K. Psicopatologia clínica. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

SHINE, K. Psicopatia: coleção clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000.

SOEIRO, Letícia. Análise Psicológica (2010), v.(xxvIII): 227- 240.

SOUZA, R. Psychopathy as a disorder of the moral brain: Fronto-temporo-limbic grey matter reductions demonstrated by voxel-based morphometry. Neuroimage, v. 40, p. 1.202-1.213. 2008.

SUECKER, B. Sociopatia: transtorno e delinquência. Direito e Justiça, v. 31, p. 25-40. 2005.

VALMIR, S. Dicionário de **Psicologia**. **Rio de Janeiro**. Ediouro, 1998.

Artigo recebido em 13 de outubro de 2015. Aprovado em 21 de dezembro de



=====
Arquivo 1: [CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE.docx](#) (1722 termos)

Arquivo 2: [471-Main Article-450-1-10-20190830.pdf](#) (5151 termos)

Termos comuns: 39

Similaridade: 0,57%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE.docx](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** [471-Main Article-450-1-10-20190830.pdf](#)

=====
CORINGA E O RETRATO DE UM VILÃO CRIADO PELA SOCIEDADE

Resumo

Esse artigo é uma resenha crítica do filme Coringa (2019) com direção de Todd Phillips, o filme retrata um adulto com problemas de saúde mental que tem dificuldades em se inserir na sociedade após um tempo preso no manicômio e a ascensão do personagem com transtorno mental para um vilão símbolo da revolta popular contra políticos. Buscou-se analisar os distúrbios mentais existentes do personagem Coringa e a crítica recorrente que o filme traz ao funcionamento **da sociedade e** suas desordens, tendo como embasamento para discussão a teoria da Psicanálise, tendo como principais resultados as discussões acerca dos transtornos existentes do personagem e o relapso do sistema de saúde.

Palavras Chaves: Psicopatia, Esquizofrenia, Doença Mental

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo a busca dos conceitos **da psicanálise e** de como são usados no enredo do filme Coringa (2019) e buscando entendimento sobre os transtornos do protagonista que não são claros o suficiente e assim trazendo uma reflexão acerca do ser humano por trás **dos transtornos mentais e suas possíveis** causas e desordens.

Coringa é um personagem dos quadrinhos sendo o principal arqui-inimigo do herói Batman, foi criado e teve sua primeira aparição em 1940 na revista do Batman pela editora DC Comics, onde a loucura é entendida como seu principal poder. Quase depois de 80 anos de sua criação e ele é considerado por muitos críticos e leitores o maior vilão das revistas em quadrinho, proporcionando grandes mudanças na literatura desse gênero. O filme desperta a curiosidade sobre possíveis transtornos mentais do personagem e embarca em uma crítica um tanto quanto encoberta sobre a sociedade e o modo como é tratado os doentes mentais assim levando ao telespectador a refletir sobre a vida do protagonista.

O ENREDO

Arthur Fleck é o verdadeiro nome do Coringa e o filme retrata sua vida pós internação no manicômio Arkham e mostra suas visitas a assistente social onde vai para falar sobre seus dias isso leva a um retrato do serviço público carente ofertado a pessoas com transtornos mentais e a falta de profissionais qualificados, já que está claro nos diálogos do filme que a assistente parece não compreender os devaneios e os sentimentos do personagem e demonstra se importar em ajuda-lo realmente. Quando a assistente social relata que os encontros acabarão pelo motivo de cortes de verbas, é citado que o governo não liga para pessoas como ele doentes mentais, pois não sabe o que fazer com esses indivíduos quando colocados novamente em sociedade, podemos associar com o corte de verbas do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) no Brasil que é voltado para pessoas com doenças mentais, que deixaram cerca de 319 unidades desatendidas de profissionais qualificados e amparo a pessoas com transtornos mentais que dependem do governo (PINHEIRO,2018).



O CORINGA E A PSICANÁLISE

A risada é uma das características principais desse vilão, o filme tem seu princípio induzindo o telespectador a pensar que seja um distúrbio em decorrência de um dano cerebral que o personagem principal Coringa sofreu na infância pelos maus tratos da mãe e do namorado desta, porém logo a frente ele relata que não ri em decorrência do distúrbio e sim porque quer, ou seja, fica a dúvida se pode ser tanto um mecanismo de defesa do ego, **que se inicia** nos primeiros anos da infância assim como do protagonista, e uma psicose que obriga **o ego a** desenvolver mecanismos específicos de defesa que são processos subconscientes realizados pela personalidade, que ajuda a mente nos processos que podem gerar ansiedades, hostilidades, frustrações não resolvidas a modo conscientes (SILVA, 2011; KLEIN, 1982). A Questão não é solucionada no filme então fica a curiosidade se as risadas presentes nas situações que ele se sente nervoso/pressionado são de fato uma lesão cerebral que veio a prejudica-lo nesse aspecto.

Arthur apresenta traços de psicopatia **que é considerado um dos transtornos de personalidade**, pois psicopatas são entendidos como indivíduos frios, inaptos para manter relacionamentos, pessoas com **baixa tolerância à frustração, tendência a agressividades, sem sentimento de culpa ou** seja, eles **não sentem remorso** com as mortes que causam e sim um alívio, o personagem sente isso quando mata pela primeira vez. Entretanto na abordagem Freudiana, não se usa **o termo psicopatia**, e sim, perversão – que é dividida em vários tipos – que, **de acordo com** Freud, a perversão é um tipo específico de estruturação subjetiva, de desejo e fantasia (DA SILVA, 2015)

Um dos grandes motivos de conflitos para o personagem é a relação com a mãe que é conturbada apesar de ser o cuidador dela, fica claro na história que a mesma tem distúrbios mentais que acaba por influenciar no modo de criação do filho, não apresenta afetividade declarada pelo mesmo. **A busca de** Coringa pelo seu pai evidencia a carência de afeto que o mesmo tem, pois, como dito ele só queria um abraço de pai, porém descobre a mentira da mãe sobre sua origem e isso o deixa transtornado.

Quando Arthur descobre a mentira sobre sua origem ele mata a mãe com uma tranquilidade que não pode ser entendida como normal e além disso psicopatas podem infringir leis para obter o que querem e assim se torna importante a precisa identificação do mesmo (SUECKER, 2005; LEWIS, 2005). Porém é importante lembrar que nenhuma punição **é capaz de fazer com que o psicopata** mude suas maneiras e modos, apesar de que as práticas de punição, de ordem médica e jurídica, sejam as que mais recaiam sobre **os indivíduos com esse transtorno** (SHINE, S. K, 2000).

Para a psicanálise desde 1896 quando foi elaborada a primeira teoria do aparelho psíquico, um indivíduo deve estruturar-se psiquicamente como neurótico, psicótico ou perverso as diferenças de estruturas são inconscientes (FREUD, 2016). Coringa pode ser classificado dentro da psicose com os sintomas de alucinação, confusão de pensamentos e a presença do transtorno da esquizofrenia **que é uma** das subdivisões da psicose. Além de apresentar traços psicóticos e esquizofrênicos, Coringa apresenta depressão **como sentimento de** tristeza, irritabilidade e agressividade (FU I, CURATOLO, & FRIEDRICH, 2000). Os sintomas depressivos podem interferir na ressocialização de um doente mental e na maneira como ele percebe o mundo.

Arthur se transformou no Coringa utilizando sua maquiagem de palhaço como uma espécie de casulo onde assim ele poderia ser quem verdadeiramente queria. **O processo de** exclusão social foi imposto pela hospitalização em asilos; pelo aparecimento da psiquiatria, que passou a considerar os tutores dos considerados insanos e incapazes do convívio social e com isso afastando os pacientes da sociedade (SZAZZ, 1978).



Durante o filme é mostrado em muitas cenas os pensamentos delirantes de Arthur e outros sintomas típicos da esquizofrenia paranoide que caracteriza -se pela presença de ideias delirantes, em geral acompanhadas de alucinações e de perturbações das percepções, no filme ele se imagina em um relacionamento com a sua vizinha e isso não era real, **assim como na** sua apresentação de stand-up onde ele pensou que estava fazendo sucesso, entretanto a plateia não gostou dele. É **um transtorno de** longa duração no qual o indivíduo experimenta períodos de crises e remissões que resultam em deterioração do funcionamento do doente, causa muitos danos e perdas nas habilidades para se relacionar individual e socialmente e para manter pensamentos completos, onde ele demonstra em várias cenas sua dificuldade de se relacionar em sociedade (NETO, F. K., LEMES, C. F., PEDERZOLI, A. A., & HERNANDES, M. L. A, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coringa é um retrato real da nossa sociedade atual, mesmo se passando a alguns anos atrás, consegue captar a essência de um doente mental psicótico e esquizofrênico e de como a sociedade com seu descaso o ajudou a se transformar nisso. O palhaço se torna um símbolo das manifestações por melhorias na sociedade, mesmo ele admitindo em rede nacional ser um assassino, o filme retrata um personagem doente mentalmente sendo um retrato da sociedade em que convive. Os pontos apresentados no artigos vão de encontro com a teoria psicanalítica, como ela pode ser empregada e embasada no enredo do filme e de como o personagem principal é um resultado da sociedade que ele vive, além da sua doença mental, o filme não clássica **os transtornos de** Arthur, não se prendem a rótulos e é exposto seus sintomas mas nunca um diagnóstico conciso, isso vai da imaginação do telespectador. O indivíduo é produto da sociedade do meio em que vive. Se a sociedade favorece a reintegração as chances de ter sucesso serão maiores, mas se a sociedade reprime o indivíduo ele se voltará contra ela.

REFERÊNCIAS

- DA SILVA, Jordan Prazeres Freitas. A Psicopatia **a partir da** Psicanálise: desmistificando a visão da mídia . Mneme-Revista de Humanidades, v. 16, n. 37, p. 72-90, 2015.
- FREUD, Sigmund. Neurose, psicose, perversão. Autêntica, 2016.
- FU I. L., CURATOLO, E., & FRIEDRICH, S. (2000). Transtornos afetivos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 22, 24-27.
- KAPLAN, H. B.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: _____. Os progressos na psicanálise. **Rio de Janeiro**. Guanabara, 1982. p. 314-343.
- LEWIS, D. Sociopatia: transtorno e delinquência. Direito e Justiça, v. 31, n. 2, p. 25- 40. 2005.
- NETO, F. K., LEMES, C. F., PEDERZOLI, A. A., & HERNANDES, M. L. A. (2011). DSM e psicanálise: uma discussão diagnóstica. Revista da SPAGESP, 12(2), 44-55.
- PHILLIPS, T., COOPER, B., TILLINGER, E. (Producers), & PHILLIPS, T. (Director). (2019). Coringa [Film]. Estados Unidos da América: Warner Bros. Entertainment.
- PINHEIRO, L. (2018, 19 de Novembro). Ministério da saúde suspende quase R\$ 78 milhões em repasses para atendimento à saúde mental. G1. Disponível em <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/11/19/ministerio-da-saude-suspende-quase-r-78-milhoes-em-repasses-para-atendimento-a-saude-mental.ghtml>
- SILVA, Cristina Martins Cunha da et al. Compreender para intervir: um estudo sobre a prática alienativa nas varas de família. 2011.



SHINE, S. K. Psicopata. **Rio de Janeiro**: Casa do Psicólogo, 2000.

SUECKER, B. Sociopatia: transtorno e delinquência. *Direito e Justiça*, v. 31, p. 25-40. 2005.

SZAZZ, T. (1978). A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento da saúde mental. **Rio de Janeiro**: Zahar.

Joker and the portrait of a villain created by society

Abstract: **This article** is a critical review of the film Joker (2019) directed by Todd Phillips, the film portrays an adult with mental health problems who has difficulties in entering society after a time imprisoned in the asylum and the rise of the character with mental disorder for a villainous symbol of popular revolt against politicians. We sought to analyze the existing mental disorders of the character Joker and the recurring criticism that the film brings to the functioning of society and its disorders, having as basis for discussion the theory of Psychoanalysis, having as main results the discussions about the existing disorders of the character and the collapse of the health system.

Keywords: Psychopathy, Schizophrenia, Mental Illness